



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS VI
CURSO DE LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS**

Natália Gonçalves Teixeira

***PONCIÁ VICÊNCIO: A REPRESENTAÇÃO DA MEMÓRIA NA RECONSTRUÇÃO
DA IDENTIDADE NEGRA***

CAETITÉ

2017

Natália Gonçalves Teixeira

***PONCIÁ VICÊNCIO: A REPRESENTAÇÃO DA MEMÓRIA NA RECONSTRUÇÃO
DA IDENTIDADE NEGRA***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Universidade do Estado da Bahia como
requisito parcial para a obtenção do grau de
Licenciada em Letras Vernáculas.

Orientador: Jorge Augusto de Jesus Silva

CAETITÉ

2017

Natália Gonçalves Teixeira

***PONCIÁ VICÊNCIO: A REPRESENTAÇÃO DA MEMÓRIA NA RECONSTRUÇÃO
DA IDENTIDADE NEGRA***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Universidade do Estado da Bahia como
requisito parcial para a obtenção do grau de
Licenciada em Letras Vernáculas.

Orientador: Jorge Augusto de Jesus Silva

Aprovado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Ms. Jorge Augusto de Jesus Silva
Universidade do Estado da Bahia
Orientador

Prof. Ms. Edmilson de Sena Moraes
Universidade do Estado da Bahia
Examinador

Prof^a. Dr^a Zoraide Portela da Silva
Universidade do Estado da Bahia
Examinador

Dedico o presente estudo a Deus, autor do meu destino, e aos meus pais, Jerucilê Gonçalves Teixeira e Geraldo Cotrim Teixeira, exemplos de força e determinação, que se mantiveram presente na caminhada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço,

Primeiramente a Deus, autor da vida e do meu destino, aquele que me fez chegar até aqui;

Ao meu querido orientador, Jorge Augusto de Jesus Silva, pela paciência e apoio prestado e principalmente por despertar em mim o amor pela arte da palavra;

Ao estimado Prof. Edmilson de Senna Moraes, pelas inquietações e questionamentos que me levaram à grandes descobertas;

Aos meus pais, Geraldo e Jerucilê e ao meu irmão Jean, exemplos de amor, que com toda paciência, força e determinação fizeram da minha luta as suas;

Ao meu namorado Luan Rodrigo, pelo estímulo sempre proferido e pela sua participação afetiva durante a construção deste trabalho;

As minhas amigas e companheiras de luta e de estrada, Eliane, Jéssica, Cléia e Ana Paula, por estarem sempre comigo, compartilhando dos momentos de angústias e também de conquistas;

A turma de Letras 2013.1, pela troca de experiências no transcorrer destes 4 anos;

E a todos aqueles que de alguma forma contribuíram significativamente para essa minha travessia.

RESUMO

O presente estudo de cunho qualitativo trata-se de uma análise bibliográfica e documental que visa compreender o processo de reconstrução da identidade negra através da memória em *Ponciá Vicêncio* (2003) de Conceição Evaristo. Para esta pesquisa, tornou-se imprescindível relacionar a escrita da autora com o trajeto da inserção da mulher na literatura brasileira enquanto lugar de fala. Desta forma, ao traçar este percurso foi necessário realizar uma abordagem em relação ao histórico da literatura negra, bem como do perfil da escrita negra feminina dentro desta literatura, que apesar do caráter de autoafirmação e resistência, a presença da escrita feminina negra ainda se fazia restrita. Além de disso, salienta-se ainda sobre o despontar de uma literatura negra originalmente de autoria feminina. Para entender a relação de memória e identidade, ressaltou-se sobre este possível imbricamento para a reconstrução da identidade negra. E por fim, realizou-se a análise de fragmentos que comprovam que o recurso mnemônico influencia na forma de identificação do sujeito, em especial o sujeito negro.

Palavras-chave: Literatura negra. Memória. Identidade. Ponciá Vicêncio.

ABSTRACT

The current qualitative study is a bibliographical and documentary analysis that has as a goal to understand the process of reconstruction of black identity through the memory in Ponciá Vicêncio (2003) of Conceição Evaristo. For this, it was necessary to relate the author's writing to the path of woman's insertion in Brazilian literature as a place of speech. Therefore, in tracing this route, an approach related to the history of black literature as well as the profile of black female writing within this literature was imperative. Despite the character of self-assertion and resistance, the presence of black feminine writing was still restricted then. In addition, it is highlighted the emergence of a black literature from female authorship only. In order to understand the reconstruction of the black identity, it was necessary to rely upon the intertwining of memory and identity. In the end, the analysis of fragments proved that the mnemonic resource influences the way the subject is identified, especially the black one.

Keywords: Black literature. Memory. Identity. Ponciá Vicêncio.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 A MULHER NA LITERATURA BRASILEIRA	11
2.1 A LITERATURA NEGRA BRASILEIRA	14
2.2 A MULHER NEGRA NA PERSPECTIVA DA LITERATURA NEGRA.....	18
2.3 A LITERATURA NEGRA DE AUTORIA FEMININA.....	21
3 MEMÓRIA E IDENTIDADE	26
4 A MEMÓRIA NA RECONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA EM <i>PONCÍÁ VICÊNCIO</i>	32
5 CONSIDERAÇÃO FINAL	43
REFERÊNCIAS	45

1 INTRODUÇÃO

A literatura negra¹ traz consigo a marca do quilombola dentro da literatura brasileira. Constitui-se como uma escrita importante para a reconstrução de identidade do afrodescendente, ela surge a partir do momento que o autor se identifica com o eu-enunciador que-se-quer-negro, nela o negro passa de objeto estético a autor de sua própria história. E é falando com autoridade dessa história, que foi silenciada, que a literatura negra traz aspectos relevantes da cultura afrobrasileira possibilitando a afirmação da identidade negra. Para tanto, essa pesquisa surge pela necessidade de elencar um espaço de discussão em relação à literatura negra e de como ela pode ser uma “mola propulsora” para discutirmos o processo identitário de forma ficcional, que representa o povo negro.

É nessa perspectiva de trazer à tona a ancestralidade dentro da escrita para identidades desde sempre fragmentadas que Conceição Evaristo usa a literatura como arte da escrevivência² e publica em 2003 a obra intitulada *Ponciá Vicêncio*. A autora nasceu em uma família de mulheres negras e é a partir desse espaço de fala que busca na escrita evidenciar, através dos mistérios e encantamentos, os laços e entrelaçamentos dos fios que ligam as histórias contadas em seus romances, contos e ensaios, expondo assim, a crítica social de denuncia pungente em suas obras. A poetisa que não nasceu rodeada de livros, mas da arte da palavras e da escrita, busca nas histórias narradas pela mãe, pelos tios e vizinhos o material imprescindível para o despertar da leitura e da escrita, e junto a memória tece a sua história e a história dos seus, através da experiência.

No romance *Ponciá Vicêncio*, a personagem principal narra sua trajetória de vida, de existência e de sobrevivência enquanto mulher negra. Nascida em uma comunidade composta por ex-escravos a personagem migra da vila Vicêncio para a cidade em busca de ascensão social, entretanto a mudança de lugar geográfico não a distancia da sua condição predestinada de mulher negra invisibilizada e

¹ O termo literatura negra é utilizado a partir das concepções de Zilá Bernd (1988) que discorre sobre o conceito fazendo relação com própria evidência textual cuja consistência é dada pelo surgimento de um eu enunciador que se quer negro e que se assume enquanto tal. Característica fundante do discurso evaristiano.

² Conceição Evaristo (2007) usa este termo com o intuito de escrever a escrita da vivência das mulheres negras brasileiras, histórias contadas a partir de suas próprias experiências e perspectivas.

fragmentada. Nesse novo espaço busca através da memória, fio condutor da narrativa, o encontro com o tempo, com os seus e com sua ancestralidade, na tentativa de construir sua identidade.

Deste modo, o objetivo desta pesquisa pauta-se em analisar e compreender o processo de reconstrução da identidade negra através da memória em *Ponciá Vicêncio* de Conceição Evaristo e a partir disto trataremos da inserção da mulher na literatura brasileira, traçaremos um perfil histórico da literatura negra, bem como literatura negra de autoria feminina, pensando o imbricamento de memória e identidade e seus papéis mnemônicos na reconstrução de identidades interditas.

A pesquisa parte do pressuposto qualitativo, uma vez que busca descrever minuciosamente o objeto para futuras interpretações e conclusões. Nessa concepção, usa-se o método indutivo, que parte de casos particulares, passa pela análise e chega-se a maiores generalizações, visto que é uma pesquisa de cunho bibliográfico e documental, no qual consiste basicamente na análise de fragmentos da obra literária em estudo para se chegar a conclusões, posteriormente, através da compreensão seletiva de teóricos que versam sobre conceitos basilares citados no decorrer dessa pesquisa.

Nesta perspectiva, o trabalho está organizado de maneira que, na primeira seção, traçamos um panorama do contexto histórico da inserção da mulher na literatura brasileira e aspectos relevantes da literatura negra de autoria feminina. Para tanto, utilizaremos suporte teórico referenciado em: Zolin (2009), Luísa Lobo (1997), Duarte (1990), Cuti (2002), Alves (2010), Evaristo (2009), Dionísio (2013), Bernd (1988), Figueiredo (2009), Costa (2008), Afolabi (2007), Silva (2010);

Na segunda seção, trataremos do imbricamento de memória e identidade, buscamos aporte teórico em: Tedesco (2014), Izquierdo (2004), Halbwachs (2006), Santos (1999), Canclini (2006); para discutir conceito de diáspora: Gilroy (1997), Woodward (2014); em relação a identidade negra: Telles (1996), Cunha Jr. (2002), Le Goff (2003);

Na terceira e última seção que elenca sobre o processo de reconstrução da identidade negra através da memória, recorreremos aos estudos de: Ribeiro (1995), Evaristo (2003), Barbosa (2003), Hall (2011) Candau (2012), Araújo (2012), Silva (2001), Souza (2014), Orlandi (2007), Arruda (2007).

2 A MULHER NA LITERATURA BRASILEIRA

O nada e o não,
ausência alguma
borda em mim o empecilho.
há tempos treino
o equilíbrio sobre
esse alquebrado corpo,
e se inteira fui,
cada pedaço que guardo em mim
tem na memória o anelar
de outros pedaços.
E da história me resta,
estilhaçados sons esculpem
partes de uma roda inteira.
Traço então a nossa roda gira-gira
em que os de ontem, os de hoje
e os de amanhã se reconhecem
nos pedaços uns dos outros.
Inteiros.

(“A roda dos não ausentes”, - Conceição Evaristo)

Como o objetivo elencado nesta pesquisa se refere a reconstrução identitária através da memória da personagem *Ponciá Vicêncio*, da escritora negra Conceição Evaristo, faz-se necessário levantar dados bibliográficos sobre as representações da mulher, como sujeito histórico da escrita e também como personagem, dentro da literatura brasileira.

A mulher como personagem e escritora nesta literatura assume posições submissas diante da ótica patriarcal e racial. Este papel, bem como a sua sexualidade, foi e está associada a estigmas e estereótipos relacionados ao patriarcalismo, no qual, o feminino aparece preenchendo um papel de inferioridade perante o masculino e diante das relações étnico-raciais.

A história da escrita feminina é marcada pelo silenciamento atravessado por um contexto histórico misógino que invisibiliza a produção literária de autoria feminina dentro da conjuntura da literatura brasileira. O lugar discursivo do cânone é constituído pelas vozes eurocêntricas, vinculadas a questão de poder, gênero e raça. Reis (1992, p.70) salienta que “[...] o conceito de cânon implica um princípio de seleção e (exclusão) e, assim, não pode se desvincular da questão do poder”. Nessa perspectiva,

Para ter assegurado o direito de falar, enquanto o outro é silenciado, o sujeito que fala se investe de um poder advindo do lugar que ocupa na sociedade, delimitado em função de sua classe, de sua raça e, entre outros referentes, de seu gênero, os quais o definem como o paradigma do discurso proferido. Historicamente, esse sujeito imbuído do direito de falar é de classe média-alta, branco, e pertencente ao sexo masculino. (ZOLIN, 2009, p. 106).

Ainda nessa percepção de lugares privilegiados no âmbito literário, Zolin (2009, p.106) ainda ressalta que os discursos dominantes vinham circunscrevendo espaços privilegiados de expressão e,

[...] silenciando as produções ditas 'menores', provenientes de segmentos sociais 'desautorizados', como as das minorias e dos/as marginalizados/as. O quadro comportava, de um lado, a visibilidade das obras canônicas, a chamada 'alta cultura'; de outro, o apagamento da diversidade proveniente das perspectivas sociais marginais, que incluem mulheres, negros, homossexuais, não-católicos, operários, desempregados.

Neste cenário de exclusão, permeado por práticas machistas e falocêntricas, Luísa Lobo (1997) destaca que a inserção da mulher nesse contexto se tornou possível através de frestas e arestas que as mulheres conseguiram abrir, através do aprendizado adquirido nos conventos, lugar destinado à elas.

Ser o outro, o excluído, o estranho, é próprio da mulher que quer penetrar no 'sério' mundo acadêmico ou literário. Não se pode ignorar que, por motivos mitológicos, antropológicos, sociológicos e históricos a mulher foi excluída do mundo da escrita - só podendo introduzir seu nome na história europeia por assim dizer através de arestas e frestas que conseguiu abrir através de seu aprendizado de ler e escrever em conventos. (LOBO, 1997, p. 5).

Entretanto, em meados dos anos 60 e 70, surge um movimento que vislumbrava a inserção da mulher nos mais distintos meios sociais e também literário, chamado de movimento feminista, que por sua vez, segundo Duarte (2003), repercute em quatro ondas. A primeira volta-se, basicamente, em explicar pela perspectiva da crítica feminista, a procedência do patriarcado, centrada nas relações de dominação e subordinação, e se caracteriza também pelo início da luta para o contato com as primeiras letras; a segunda concepção feminista é marcada pelo marxismo que discutia a divisão de gênero no âmbito trabalhista, e altercavam sobre o direito do voto feminino, ampliando suas concepções e ingressando cada vez mais

no âmbito educacional, lugar destinado apenas aos homens; a terceira é caracterizada pela busca da cidadania enquanto mulheres possuidoras de uma identidade feminina que precisavam de um lugar de permanência; e a quarta e última é notória pela sua exuberância, pois foi capaz de alterar radicalmente os costumes e tornar as reivindicações mais ousadas em algo normal.

É neste sentido de inserção que o discurso feminista pretendia ser uma bandeira e desencadear ações que abarcariam o conjunto das cidadãs identificadas pelo gênero, sendo a representação da luta e da resistência contra os sistemas de dominação patriarcal. Dessa forma, eis que a mulher ganha um lugar de fala e isto repercute na produção literária de autoria feminina. Deste modo,

A considerável produção literária de autoria feminina, publicada à medida que o feminismo foi conferindo à mulher o direito de falar, surge imbuída da missão de ‘contaminar’ os esquemas representacionais ocidentais, construídos a partir da centralidade de um único sujeito (homem, branco, bem situado socialmente), com outros olhares, posicionados a partir de outras perspectivas. O resultado, sinalizado pelas muitas pesquisas realizadas no âmbito da Crítica Feminista desde os anos 1980 no Brasil, aponta para a re-escritura de trajetórias, imagens e desejos femininos. A noção de representação, nesse sentido, se afasta de sua concepção hegemônica, para significar o ato de conferir representatividade à diversidade de percepções sociais, mais especificamente, de identidades femininas antipatriarcais. (ZOLIN, 2009, p. 106).

Essas novas representações dada à este novo lugar de fala conquistado pelas mulheres é importante para dar uma nova roupagem ao lugar destinado as mulheres pelo patriarcado. As mulheres que antes eram representadas e/ou mal representadas dentro da literatura, passam a se autorrepresentar, conferindo uma escrita de resistência feminina, desvinculando os estereótipos destinados na sua representação como personagem.

A escrita feminina que compreende uma voz que fora enclausurada, é entendida como a forma de escrever e reinscrever o corpo. Nessa perspectiva,

Para Cixous a escritura feminina significa ‘escrever o corpo’, pois para ela o corpo feminino representa ‘impulsos instintivos e um desejo que surge do inconsciente’, para Leclerc ‘uma linguagem uterina’. Kristeva avança um pouco e considera o corpo como ‘gozo’ como ‘força semiótica na escritura capaz de quebrar a ordem simbólica restritiva,’ já Luce Irigaray com o pressuposto de que

'feminino' significa mais que 'mulher', procura-o através dos discursos filosófico e psicanalítico. (ECKER, 1986 *apud* DUARTE, 1990, p.78).

Diante deste posicionamento, a literatura de autoria feminina pretende firmar uma identidade que fora deslocada pelo patriarcalismo. É uma literatura de autoafirmação enquanto mulher que fala, que escreve e descreve sobre o seu próprio corpo numa linguagem uterina. Nesse sentido, esboçaremos adiante sobre uma outra literatura que fala o não dito, uma escrita de uma voz que fora encarcerada, a escrita da literatura negra.

2.1 A LITERATURA NEGRA BRASILEIRA

Assim como a presença da mulher na literatura era bem restrita, era exígua também a presença do negro nos percursos literários. Então, observando essa pouquíssima presença do negro, bem como dos personagens negros na literatura brasileira, em relação a quantidade de brancos, Cuti (2002) salienta que a literatura brasileira é abusivamente constituída por brancos no “seu propósito de visibilizar e estereotipar o negro e o mestiço.” (CUTI, 2002, p. 32).

No final da década de 1970, ocorre um fenômeno: um coletivo de escritores organizados em diversos grupos, entre São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Rio Grande do Sul, com uma escrita no mínimo contundente, abre as trancas, fura as cercas, pula muros e invade o campo literário, para ampliar o território da fala de homens e mulheres negros. Evocando a autodenominação de Literatura Negra, redesenham, pelo menos literariamente, o território das singularidades das falas. Antes desse fato, negros escrevendo textos poéticos ou ficcionais permaneciam incrustados no contexto da 'Literatura Brasileira' e vivenciavam a invisibilidade étnica, à qual a população afro-brasileira estava fadada, reforçando assim o mito da 'democracia racial'. (ALVES, 2011, p. 184).

É conquistando este lugar de fala, invadindo o campo literário para a ampliação do território da fala de homens e mulheres negras que surge como forma de resistência e autoafirmação a publicação da primeira edição de *Cadernos Negros*, em 1978, idealizado e fundado por Luiz Silva, Cuti, que se transforma em um dos mais destacados intelectuais negros contemporâneos atuando junto a

comunidades afrodescendente. Dessa forma, *Cadernos Negros* surge numa época em que o Brasil vivia sobre o controle da ditadura militar e sob o fervor dos movimentos sociais, acontecendo uma forte efervescência de novas ideias. E esse contexto, torna-se fértil para o aparecimento desse coletivo de escritores negros engajados na luta da visibilidade étnica, tendo como fundamento a ideia de liberdade para escrever estilos, bem como formas de literatura. O lançamento desta coletânea no FECONEZU - Festival Comunitário Negro Zumbi -, tem um caráter essencialmente literário, que reuniu aproximadamente duas mil pessoas, quase todas negras, permitindo que os textos ali publicados pelos escritores negros assumissem um caráter coletivo. Nessa perspectiva,

[...] os textos literários escritos por negros assumem um caráter coletivo; os escritores que ali publicaram ou não em *Cadernos Negros* deixam de estar isolados no panorama da Literatura Brasileira. Paulatinamente, começam a surgir, a partir da década de 1980, estudos críticos nos quais os autores constavam o fenômeno de negros se manifestarem como escritores, assumindo serem produtores de Literatura Negra. Essa denominação passa a ser adotada, também refutada por outros estudiosos. (ALVES, 2010, p. 56).

Assim, nasce esta série que permite que os escritores negros se vissem representados, não mais de forma estereotipada, não mais como tema, mas como agente. Pode-se entender, segundo Alves (2011), a composição dos *Cadernos Negros* como o divisor de águas que objetiva a escrita para tirá-la da invisibilidade e do “só-menor” em que estava proscrita. Assim, como está no próprio prefácio da primeira edição “*Cadernos Negros* marca passos decisivos para nossa valorização e resulta de nossa vigilância contra as ideias que nos confundem, enfraquecem e nos sufocam.” (ALVES, 2012, p. 222).

De acordo com Alves (2010), a escrita negra vai vencendo o isolamento, na medida que são realizados três encontros de Poetas Ficcionalistas Negros em 1985, 1986 e 1987, com o objetivo de fazer uma análise da produção literária recente e seu redimensionamento com os escritores afrodescendentes do passado, a fim de refletir sobre as estratégias a serem tomadas frente ao caráter reduzido e etnocêntrico da indústria cultural brasileira canônica. Dessa forma, “aos poucos a literatura dita nacional e canônica vê-se obrigada a abrir um espaço de inserção e de

discussão do produto dessa manifestação literária, fruto de anos de persistência, lutando entre a invisibilidade e o menosprezo dos cânones da literatura.” (ALVES, 2010, p.56)

Nessa perspectiva de soltar a voz encarcerada, tanto pelo sistema escravocrata, como pelo caráter etnocêntrico do cânone brasileiro, que a escritora Miriam Alves (2010) salienta que,

[...] Preencher os espaços em branco do estudo da literatura brasileira, urge considerar a Literatura Negra (...), dentro do seu contexto de surgimento e existência, revelando as faces de um Brasilafro em versos e em prosa. Continuar afirmando a sua inexistência ou a qualidade inferior dos textos é reafirmar parâmetros que insistem em olhar a sociedade brasileira longe da diversidade sociocultural que a sustém. (ALVES, 2010, p.57).

Um sentimento positivo de etnicidade atravessa essa textualidade negra, nessa escrita de autopertencimento que representa a pluralidade da sociedade brasileira e a voz do quilombola dentro da literatura brasileira que valoriza a identidade negra através dos personagens. Nesse sentido,

Pode-se dizer que um sentimento positivo de etnicidade atravessa a textualidade (...). Personagens são descritos sem a intenção de esconder uma identidade negra e, muitas vezes, são apresentados a partir de uma valorização da pele, dos traços físicos, das heranças culturais oriundas dos povos africanos e da inserção/exclusão que os afrodescendentes sofrem na sociedade brasileira, em geral. (EVARISTO, 2009, p. 19).

Nesse contexto de afirmação de identidade que “a literatura negra nos traz a revivência dos velhos arautos africanos, guardiões da memória, que de aldeia em aldeia cantavam e contavam a história, a luta, os heróis, a resistência negra contra o colonizador.” (EVARISTO, 2010, p.136). E surge como um expediente pelo qual o negro busca resgatar sua memória para reconstruir uma identidade no contexto do processo diásporo, é com a concretização dessa literatura que o personagem negro deixa de ser apenas um ser de papel, e se materializa enquanto autor de sua própria história. Dessa forma,

Essa manifestação literária passa ser um lugar de resistência onde se busca encontrar vestígios que remetem a um passado diferente daquele místico/idealizado pelos ocidentais, onde o afrodescendente é um constante objeto e aparece particularizado de forma a ser sempre um elemento marginal e periférico na Literatura de Língua Portuguesa. (DIONÍSIO, 2013, p. 17).

Além disso, a criação de uma literatura negra proporcionou a este grupo étnico a oportunidade de expor uma escrita que até então fora silenciada, pois este narrador consiste naquele que se quer e se define enquanto tal. Enquanto o branco tenta falar de uma realidade à qual ele não conhece, o negro quebra este lugar de não-fala e fala de si. Este tipo de literatura surge a partir de

[...] uma tentativa de preencher vazios criados pela perda gradativa de identidade determinada pelo longo período em que a 'cultura negra' foi considerada *fora-da-lei*, durante o qual a tentativa de assimilar a cultura dominante foi o ideal da grande maioria dos negros brasileiros. (BERND, 1988, p.22-23).

No entanto, cabe aqui esclarecer que,

[...] o conceito de literatura negra não se atrela nem à cor da pele do autor nem apenas à temática por ele utilizada, mas emerge da própria evidência textual cuja consistência é dada pelo surgimento de um eu enunciativo que se quer negro. Assumir a condição negra e enunciar o discurso em primeira pessoa parece ser o aporte maior trazido por essa literatura, constituindo-se em um de seus marcadores estilísticos mais expressivos. (BERND, 1988, p.22).

A literatura negra não se associa a cor da pele do autor e nem a temática por ele adotada, esse discurso se atrela ao sentimento de autoafirmação enquanto sujeito negro, protagonista de uma história marcada por luta e resistência, que usa a memória para legitimar essa escrita desconstruindo estigmas e estereótipos associados ao negro. Essa escrita, como salientou Cuti “não é só uma questão de pele, é uma questão de mergulhar em determinados sentimentos de nacionalidade enraizados na própria história do Africano no Brasil e sua descendência, trazendo um lado do Brasil que é camuflado.” (Cadernos Negros 7. p.6.) Para tanto ela é,

[...] um modo de auto afirmação que se configura [...] por um certo modo negro de ver e de sentir o mundo, e a utilização de uma linguagem marcada, tanto no nível do vocabulário quanto no dos

símbolos, pelo empenho em resgatar uma memória negra esquecida legitimam uma escrita negra vocacionada a proceder a desconstrução do mundo nomeado pelo branco e a erigir sua própria cosmogonia. (BERND, 1988, p.22).

Pode-se afirmar que a literatura negra desnuda o mito da democracia racial e se baseia em soltar a voz enclausurada, encarcerada, ou seja, falar o não dito pelo olhar de quem nunca pode falar. Essa escrita,

[...] funciona como catalizador de histórias as quais transforma em registro ficcional e poético para transmiti-las não só como anais de fatos, mas, sobretudo, como a grafia de emoções, perpetuando, no ato da escrita, o resgate do passado, o registro do presente da trajetória de um segmento populacional relegado ao esquecimento ou ao segundo plano da historiografia, inclusive das artes literárias. (ALVES, 2010, p. 44).

A escrita negra representa a busca pela herança ancestral para a afirmação de uma identidade deslocada. No mais ela representa a escrita da escrevivência na busca de recompor a cultura africana que se desfez pelos caminhos, de recolher fragmentos, traços e vestígios. Diante do perfil esboçado pela perspectiva dessa manifestação literária negra, percebe-se que esta literatura surge a partir de tensões que possibilitam um lugar de fala e resistência, entretanto apesar dessa marca literária se fazer presente, a mulher negra ainda encontrava dificuldades para falar de si. A encruzilhada entre feminismo e literatura negra, mostrou-se um terreno fértil para o surgimento de uma literatura negra originalmente de autoria feminina.

2.2 A MULHER NEGRA NA PERSPECTIVA DA LITERATURA NEGRA

A presença da escrita negra feminina dentro dessa literatura de resistência enfrentou desafios representados por uma sociedade racista e sexista, sobretudo dentro na série que possibilitou traços de visibilidade a escrita afrodescendente, os *Cadernos Negros*.

Sobre esse aspecto, que versa sobre a presença de escritoras, embora se façam presentes deste o primeiro número, esse não tem sido um processo fácil, visto que as escritoras afrodescendentes enfrentam um 'duplo desafio representado por uma sociedade

simultaneamente racista e sexista [...]. (CAMPOS (1992) *apud* DIONÍSIO, 2013, p. 27).

A busca pela visibilidade tem feito com que as mulheres negras busquem consolidar uma poética feminina dentro da literatura negra. Assim, elenca-se durante o texto de apresentação da edição 29 em 2006 de *Cadernos Negros* que,

Quem sabe este volume seja também a consolidação de uma escrita feminina atuante nos Cadernos... Às vezes a presença de poemas ou contos de apenas duas mulheres, em uma experiência coletiva, é como uma gota no oceano. Neste volume a musicalidade da poesia tocou os corações de algumas escritoras. O olhar, o ritmo e a estética feminina desta vez estão nos textos de nove delas, [...]. Embora os aplausos sejam ainda contidos, já que encontramos neste Cadernos versos de vinte homens, valeu. Quem ganhará com a diversidade da escrita feminina seremos todos nós. (RIBEIRO; BARBOSA; 2006 *apud* DIONÍSIO, 2013, p. 27).

Nessa perspectiva, é notório o árduo percurso para a inserção da escrita feminina negra nesse contexto consolidado por *Cadernos Negros*, e é perceptível também a luta constante das mulheres negras em consolidar um espaço de voz dentro dessa literatura. Dejour Dionísio (2013) em seu livro *Ancestralidade Bantu na Literatura Brasileira: reflexões sobre o romance Ponciá Vicêncio de Conceição Evaristo* ressalta que,

Em alguns volumes, a produção feminina teve duas representantes, enquanto os homens eram seis (CN 1); em outros eram três, e os homens dois (CN 17); em 2006, foram nove mulheres para vinte homens (CN 29). Entre os nomes das escritoras que já publicaram e/ou publicam nos Cadernos Negros citamos: Alzira Rufino, Ângela Galvão, Ana Cruz, Ana Célia da Silva, Andréia Lisboa, Benedita De Lazari, Célia Aparecida Pereira, Cristiane Sobral, Conceição Evaristo, Esmeralda Ribeiro, Geni Guimarães, Graça Graúna, Iracema Régis, Marta André, Marise Tetra, Maria da Paixão, Miriam Alves, Mel Adún, Lia Vieira, Regina Amaral, Roseli Nascimento, Ruth Souza Saleme, Serafina Machado, Sônia Fátima, Sueli Ribeiro, Teresinha Tadeu, Vera Lucia Barbosa. (DIONÍSIO, 2013, p. 27).

Mesmo com as tensões, que podem ter atravessado a inserção das mulheres no campo da literatura negra no Brasil, a escrita afrodescendente em *Cadernos Negros* faz-se relevante na constituição de uma história brasileira sob a concepção de uma escrita feminina negra que evidenciam traços desprivilegiados pela escrita

falocêntrica e branca. E “[...] contribuem com a luta histórica de seus ancestrais pela questão da afrodescendência no Brasil e para a contribuição da identidade afrodescendente por meio do instrumento da escrita [...]” (DIONÍSIO, 2013, p.28)

Essa nova escrita de acordo com Figueiredo (2009, p. 37) possibilita às mulheres negras,

[...] uma representação diversa – não há estereótipos – e os textos (mesmo os mais engajados) trazem poeticidade, memória e ritmo contrariando, assim, o censo comum acadêmico. A poesia – veremos – se manifestará nas descrições do espaço físico, nos sentimentos, nas indagações, nas identidades e nas impressões sobre acontecimentos.

Mesmo com a dificuldade de se inserir dentro dessa literatura, aos poucos as mulheres negras ganham visibilidade e representatividade.

Os Cadernos são de grande importância porque eu não conhecia mulher negra que tivesse um trabalho (literário), exceto a Carolina de Jesus. Mas poetisa negra que falasse do nosso amor, da nossa vida, dos nossos filhos, das nossas coisas, não era comum. E hoje a gente vê Elizandra, Esmeralda Ribeiro, Conceição Evaristo, Mirian Alves e tantas outras. Então eu acho que tem um sabor diferente, a gente está aí, as mulheres negras estão falando de suas angústias, suas belezas, estão escrevendo e isso é importante. (COSTA, 2008 *apud* FIGUEIREDO, 2010, p. 10)

É a partir dos *Cadernos Negros* que a mulher negra adquire espaço para falar de uma experiência própria, uma vez que a experiência do homem negro é diversa. Não essencialista, ser negro também é plural, como é plural a identidade. Diante disso, as mulheres negras defendem que há uma experiência histórica da negritude no Brasil que é específica do lugar de enunciação delas e é importante salientar que,

As afro-brasileiras que exercem alguma militância, em qualquer campo cultural ou social, foram e são muito influenciadas, direta ou indiretamente pelos movimentos sociais e urbanos dos últimos 30 ou 35 anos. Ainda é uma pequena minoria, quando se encara o vasto conjunto da população afro-brasileira. Mas as vozes que escolheram a militância, e [e também] a literatura já são em número suficiente para incomodarem e chamarem a atenção sobre elas, explicando a sua ideologia, os seus sonhos e traumas, reclamando o seu espaço e o direito de falarem e serem ouvidas. (AFOLABI, 2007, p. 23-24).

Na perspectiva de apanhar resquícios para reconstrução de identidade que a mulher negra sente a necessidade de abranger um espaço maior de fala dentro dessa manifestação literária negra, pois há especificidades que precisam ser discutidas e que só pertencem as mulheres negras. Era preciso um lugar de fala que deixasse transparecer sentimentos próprios do ser mulher, como a experiência de ser mãe, a experiência da violência, do estupro, daí uma literatura negra de autoria feminina.

2.3 A LITERATURA NEGRA DE AUTORIA FEMININA

A literatura negra de autoria feminina é considerada uma escrita mergulhada na experiência, pois é uma literatura que deixa transparecer através da poética ficcional as marcas da tradição feminina enquanto escritora e mulher negra numa sociedade altamente racista e misógina. Assim,

É de um lugar de alteridade que desponta a escrita da mulher negra. Uma voz que se assume. Interrogando, se interroga. Cobrando, se cobra. Indignada, se indigna. Inscrevendo-se para existir e dar significado à existência, e neste ato se opõe. A partir de sua posição de raça e classe, apropria-se de um veículo que pela história social de opressão não lhe seria próprio, e o faz por meio do seu olhar e fala desnudando os conflitos da sociedade brasileira. Revela o que existe no universo emotivo daquelas mulheres que, nos textos literários das escritoras brancas brasileiras, moram nos quartos dos fundos, das quais mal se pressupõem uma vida, voz, existência e subjetividade própria. Essa escrita tira o véu, descobre-se e toca, mediante as palavras, o próprio corpo sem escamotear os conflitos de raça e cor, tira as máscaras das relações de gênero e raça da sociedade onde está inserida. Muito mais que isso, traz à tona a voz, o rosto (re)interpretados em emoções próprias para registrar e se autorrepresentar no território da Literatura. (ALVES, 2010, p.186).

Silva (2010) também discute sobre a produção literária feminina negra no Brasil e ressalta que essa escrita se configura como uma estratégia emancipatória quando se trata de gênero e também de raça, tratando da relação de interseccionalidade. Para tanto esta produção,

[...] é uma produção de autoria de mulheres negras que se constitui de temas femininos/feministas negros comprometidos com estratégias políticas emancipatórias e de alteridades,

circunscrevendo narrações de negritude femininas/feministas por elementos e segmentos de memórias ancestrais de tradições e culturas africano-brasileiras, do passado histórico e de experiências vividas, positivas e negativamente, como mulheres negras. (SILVA, 2010, p. 27)

Ser mulher, escritora e negra no Brasil é romper com o silenciamento e é pensando sobre essa produção que se faz necessário considerar as relações estabelecidas pelo feminismo das décadas de 1960 e 1970 com o feminismo articulado pelas mulheres negras em suas escritas e militâncias. As mulheres brancas e de classe média,

[...] partiam do contexto de vivência [...], no qual, segundo elas ‘todas as mulheres estavam sujeitas às mesmas dinâmicas de gênero – uma posição binária homem X mulher’ (BEZERRA, 2007, p.29), uma preposição que excluía outras mulheres que tinham outras prioridades e vivências, por exemplo, as negras e lésbicas, bem como as mulheres brancas mais pobres. (ALVES, 2010, p. 60).

Nessa perspectiva, essa militância feminista, localizada entre 60 e 70, não contemplava as mulheres negras, uma vez que o conceito de feminilidade que estava em pauta, subscrevia uma série de demandas restritas ao universo social da mulher branca. De um lado, enquanto as mulheres brancas tinham como propósito manter a virgindade como um dos desígnios da pureza, as mulheres negras viviam cotidianamente a violência sexual.

Nessa concepção elencada, as afrodescendentes, que pertencem a dois grupos historicamente subordinados, negros e mulheres, passam por uma segregação secular e vivem uma constante opressão, refletindo obviamente na literatura, uma vez que, não é raro flagrar a construção e difusão de estereótipos, sobre a mulher negra, por autores não-negros na construção de seus textos ficcionais.

É tentando romper este duplo lugar de subordinação que surge a Literatura Negra de autoria Feminina, uma literatura de experiência que fala de si e toma o lugar da escrita como direito, contando e recontando escritas. Desta forma,

Se há uma literatura que nos inviabiliza ou nos ficciona a partir de estereótipos vários, há um outro discurso literário que pretende rasurar modos consagrados de representação da mulher negra na literatura. Assenhorando-se ‘da pena’, objeto representativo do

poder falocêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de autorrepresentação. Criam, então, uma literatura em que o corpo-mulher-negra deixa de ser o corpo do 'outro' como objeto a ser descrito, para se impor como sujeito-mulher-negra que se descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira. Pode-se dizer que o fazer literário das mulheres negras, para além de um sentido estético, busca semantizar um outro movimento a que abriga todas as nossas lutas. Toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se torna o lugar da vida. (EVARISTO, 2005, p. 54).

Embora ainda muitas vezes ausentes e interdidas no campo editorial e nos circuitos literários, Silva (2010, p.19) evidencia que,

[...] elas escrevem, publicam e tensionam as interdições de suas vozes, abalando os discursos depreciativos sobre si e suas africanidades. Desfilam, à margem da historiografia literária, nomes de escritoras negras como Rosa Maria Egípcíaca Vera Cruz, Tereza Margarida de Silva e Orta, Maria Firmina dos Reis, Antonieta de Barros, Auta de Souza, Carolina Maria de Jesus, que, entre os séculos XVII e XX, fizeram relevantes rupturas no cenário da literatura, escrevendo e publicando, e ainda hoje seus nomes e obras provocam estranhamento. Menciono outros nomes como o de Conceição Evaristo, Miriam Alves, Alzira Rufino, Esmeralda Ribeiro, Geni Mariano Guimarães, Sônia Fátima Conceição, Cristiane Sobral, Fátima Trinchão, Aline França, Vanda Machado, Rita Santana, Mel Adún, Elque Santos, Jocélia Fonseca, Urânia Muzanzu, dentre outros, que, na contemporaneidade, perseguem, no Brasil, o ofício da escrita literária.

Fazendo um levantamento sobre a produção afrodescendente feminina negra aqui no Brasil pode-se ressaltar que o livro mais antigo que se tem notícia, seria de Rosa Maria Egípcíaca da Vera Cruz, contudo ela era natural da África. Um manuscrito, de aproximadamente 200 páginas, que foi praticamente destruído por seu confessor quando a ex-escrava foi acusada em 1763 de heresia e falsa santidade. O livro versava sobre as visões e pensamentos de Rosa Maria e tinha como título *Sagrada Teologia do Amor Divino das Almas Peregrinas*.

Ainda nessa perspectiva, segundo Maria Lúcia de Barros Mott (1990), para alguns escritores, Maria Firmina dos Reis teria sido a nossa primeira romancista brasileira negra. Nascida em 1827 em São Luís do Maranhão com pouco mais de 30 anos, publica *Úrsula* (1859), no qual o negro como escravo tem presença marcante,

uma vez que possuem uma história, um passado, além de sentimentos. Neste livro, a narradora denuncia a violência do sistema escravista questionando sua legitimidade.

A literatura negra no feminino se apresenta como um produto marcante da contemporaneidade, no contexto da literatura. Dessa forma, a narrativa negra feminina pode ser tomada como “[...] um campo de luta e resistência do sujeito negro, em especial da mulher negra, vítima do preconceito de raça, de gênero e de classe social.” (SANTANA, 2014, p. 3)

Dentro deste contexto de representações, lutas, militância e autoafirmação é que a escrita de Maria da Conceição Evaristo de Brito surge como um ato de resistência à interdição das falas das mulheres negra e ela afirma que “A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para ‘ninar os da casa grande’ e sim para incomodá-los em seus sonos injustos.” (EVARISTO, 2007, p. 03)

Conceição Evaristo nasceu em 1946 em uma favela na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais. Formou-se em 1970 numa Escola Normal e mudou-se para o Rio de Janeiro para ingressar no magistério público. No Rio de Janeiro ela encontra um cenário bastante intenso com o Movimento Negro, em relação a luta da população negra norte-americana por direitos civis e, em 1976 inicia a graduação em Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em meados da década de 1980, Conceição Evaristo participa do grupo Negrícia, que realizava recitais de textos literários em presídios, favelas, e outros lugares. Somente em 1990, que Conceição publicou seu primeiro poema nos *Cadernos Negros*, organizado pelo grupo paulista Quilombhoje. A partir de então, publicou vários poemas e contos também nos *Cadernos Negros*; além dos romances *Ponciá Vicêncio* (2003) e *Becos da Memória* (2006); uma coletânea de poemas, *Poemas da recordação e outros movimentos* (2008); e três livros de contos *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), *Olhos d'água* (2014), *Histórias de leves enganos e parecenças* (2016). Além de escritora e romancista, é mestre em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1996) e doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (2011).

Conceição Evaristo justifica sua escrevivência a partir do acúmulo das palavras e ressalta,

[...] creio que a gênese de minha escrita está no acúmulo de tudo que ouvi desde a infância. O acúmulo das palavras, das histórias que habitavam em nossa casa e adjacências. Dos fatos contados a meia-voz, dos relatos da noite, segredos, histórias que as crianças não podiam ouvir. Eu fechava os olhos fingindo dormir e acordava todos os meus sentidos. O meu corpo por inteiro recebia palavras, sons, murmúrios, vozes entrecortadas de gozo ou dor dependendo do enredo das histórias. De olhos cerrados eu construía as faces de minhas personagens reais e falantes. Era um jogo de escrever no escuro. (EVARISTO, 2007, p.3).

É escrevendo sobre suas vivências enquanto mulher negra, a partir de uma experiência histórica da sua negritude que ela rompe com o silêncio da não-fala. Parte de um lugar de alteridade para despontar a sua escrita enquanto mulher negra e salienta, “[...] ficou essa minha mania de buscar a alma, o íntimo das coisas. De recolher os restos, os pedaços, os vestígios, pois creio que a escrita, pelo menos para mim, é o pretensioso desejo de recuperar o vivido. A escrita pode eternizar o efêmero...” (EVARISTO, 2009, p. 5). É uma voz que se assume.

3 MEMÓRIA E IDENTIDADE: INSTITUINTES DE UMA TRAJETÓRIA DE VIDA

Tratando sobre princípios basilares para esse estudo, faz-se necessário discorrer sobre memória e identidade. Para tanto, o conceito de memória, podemos afirmar que “(...) recordar é trazer a marca dos padrões e valores mais ou menos ideológicos do sujeito, a marca dos seus sentimentos a colorir ética e afetivamente a lembrança.” (DIONÍSIO, 2013, p. 32). E nessa perspectiva, a memória pode ser entendida como uma,

[...] capacidade de um sistema complexo, seja ela vivente ou artificial, de armazenar informações, de modificar, com base nesta, a própria estrutura, de modo que cada tratamento sucessivo de novas informações seja influenciado pelas aquisições precedentes. (TEDESCO, 2004, p.35).

Entendemos que essa capacidade de armazenar informações e de modificar a sua própria estrutura é uma categoria importante para a reconstrução de uma identidade perdida, vítima de algum processo diaspórico. Porque,

[...] sem a memória o sujeito se esvazia, vive unicamente o momento presente, perde suas capacidades conceituais e cognitivas. Sua identidade desaparece. Não produz mais do que um sucedâneo de pensamento, um pensamento sem duração sem a lembrança de sua gênese que é a condição necessária para a consciência e o conhecimento de si. (CANDAU, 2012, p. 59-60).

Nessa percepção, a memória se configura “[...] como uma estrutura de interiorização e exteriorização de fatos, circunstâncias e vividos organizados, espacial e temporalmente, para transmitir ao externo a representação pessoal e/ou coletiva da própria história [...]” (TEDESCO, 2004, p.38).

O indivíduo se faz enquanto sujeito a partir daquilo que é lembrado, é a partir do que ele tem como referência que se dá a construção de um indivíduo. Nessa conjectura, de acordo com Izquierdo (2004, p. 12), “o conjunto das memórias que cada um de nós tem é o que nos caracteriza como indivíduos. Mas também nos caracteriza como indivíduos daquilo que resolvemos ou desejamos esquecer.”

A memória é a faculdade humana responsável pela conservação de fatos, que possibilita a construção social e identitária enquanto sujeitos do mundo, pois,

“através da memória o indivíduo capta e compreende continuamente o mundo, manifesta suas intenções a esse respeito, estrutura-o e coloca-o em ordem (tanto no tempo como no espaço) conferindo-lhes sentido.” (CANDAU, 2012, p.61). É nessa perspectiva que ela é tida como um “conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.” (LE GOFF, 2003, p. 423).

Ao trabalhar com essa perspectiva, podemos elencar sobre dois extremos importantes para trabalhar a memória nessa concepção de reconstrução de identidades perdidas, são elas: a memória individual e a memória coletiva, pois tanto uma como a outra se interpelam, ou seja, se perpassam. O indivíduo usa de uma memória individual que perpassa por memórias de um determinado grupo que compartilham dos mesmos signos e conseqüentemente da mesma cultura recorrendo assim a memória coletiva. Podemos afirmar que a memória individual é influenciada pela memória coletiva. Nessa perspectiva,

[...] para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade. Mais do que isso, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente. (HALBWACHS, 2006, p. 72).

A memória individual não funciona sem a memória coletiva, isso fica evidente ao tomarmos como estudo essas duas concepções, uma vez que a individual não funciona de modo isolado, ela não é um elemento fechado e acabado, ela precisa da introdução de outros elementos para a reconstrução de uma memória como elemento de reconstrução de identidade. Assim, podemos afirmar que a memória individual é moldada, produzindo uma interação com a memória coletiva. Para tanto, a memória coletiva pode ser definida como,

(...) o processo social de reconstrução do passado vivido e experimentado por um determinado grupo, comunidade ou sociedade. Este passado vivido é distinto da história, a qual se refere mais a fatos e eventos registrados, como dados e feitos, independentemente destes terem sido sentidos e experimentados por alguém. (HALBWACHS, 1991, p. 2).

A memória coletiva se faz através de memórias individuais. Deste modo, “para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade.” (HALBWACHS, 2006, p. 72).

Ainda sobre a memória, Roberto Correia dos Santos (1999) *apud* Dionísio (2013, p.29-30) diferencia dois tipos de memória: “a memória como categoria da história, que inclui valores de pequenos grupos sociais até os valores e formas de destinos coletivos; e a memória como máquina mental ativa de cada sujeito.” Desta forma, “A memória, como máquina mental de cada sujeito não pode ser controlada pelo indivíduo. Independentemente da vontade do sujeito, ela é acionada, fazendo surgir as recordações [...]” (SANTOS, 1999, *apud* DIONÍSIO, 2013, p.30).

A identidade e a memória estão intrinsecamente ligadas, uma vez que nossa identidade é construída a partir de fatos e lembranças da qual fizemos parte, sendo uma condição construída socialmente por parte de nós, sujeitos, se configurando como um processo contínuo e móvel. É a partir dessa perspectiva que,

A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. (HALL, 1987, *apud* HALL, 2011, p.13).

Nesse sentido,

A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é ‘preenchida’ a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a ‘identidade’ e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado da plenitude. (HALL, 2011, p.39).

No contexto da pós-modernidade “[...] a identidade, [...], é poliglota, multi-étnica, migrante, feita com elementos mesclados de várias culturas” (CANCLINI, 2006, p.131), uma vez que, não dá para pensar um sujeito unificado e homogêneo já que estamos em constante fusão com outras culturas, ainda mais quando pensamos

em um processo diaspórico pelo qual os negros foram submetidos, visto que segundo Stuart Hall, o conceito de diáspora “[...] está fundado sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um ‘Outro’ e de uma oposição rígida entre o dentro e o fora [...]” (HALL, 2008, p. 32), isto é, o embate entre o “eu” e o novo, entre o que é desconhecido.

É nessa visão que “o conceito de diáspora é um dos conceitos que nos permite compreender algumas dessas identidades – identidades que não têm uma ‘pátria’ e que não podem ser atribuídas a uma única fonte.” (GILROY, 1997 *apud* WOODWARD, 2014, p.24). É o caso da diáspora africana que tirou milhares de africanos de seu território, fragmentando e deslocando sua identidade, impondo uma nova terra e uma nova cultura. Destarte,

[...] embora o sujeito esteja sempre partido ou dividido, ele vivencia sua própria identidade como se ela estivesse reunida e ‘resolvida’, ou unificada, como resultado da fantasia de si mesmo como uma ‘pessoa’ unificada que ele formou na fase do espelho. (HALL, 2011, p.38).

Em face desse pensamento o sujeito descentrado entra em crise de identidade, pois vai sempre buscar sua identidade que foi fragmentada e perdida, vítima de um período escravocrata. A partir desse pensamento podemos inferir como já colocado que,

Esta perda de um ‘sentido de si’ estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento — descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos — constitui uma ‘crise de identidade’ para o indivíduo. (HALL, 2011, p. 9).

Em meio de uma sociedade europeizada e racista que visibiliza e silencia o negro, sua identidade negra é descentrada, contudo através da memória desse grupo étnico podemos pensar na reconstrução dessa identidade que fora e continua sendo descentrada, uma vez que o afrodescendente precisa de uma referência que possibilite o reconhecimento como sujeito negro, possuidor de uma identidade negra. Dessa forma,

[...] é necessário usar alguma marca de identidade étnica, seja ela idioma, religião, cor de pele ou nacionalidade, para que o grupo defina suas fronteiras com o fim de buscar seus objetivos coletivos. Quanto mais marcas houver e quanto mais claramente elas distinguem os grupos, mais forte tenderá a ser a identidade étnica. (TELLES, 1996, p.122).

Cunha Jr. (2002, p.21-22) referencia que,

[...] as identidades afrodescendentes ou negras são múltiplas e variadas. Podem ser consideradas como positivas ou negativas, relacionadas com a auto-imagem que os indivíduos fazem de si e dos outros. O importante é que encontremos na cultura nacional e na população um certo número de referentes sociais que marcam os conjuntos identitários [...].

Ainda nesse ponto de vista, Cunha Jr. (2002, p. 21-22) ressalta que,

[...] as identidades têm um caráter duplo, por vezes dependem de como os indivíduos se autoidentificam, outras de como os outros externos ao grupo os identificam. Uma das marcas da identidade afrodescendente é como o grupo externo nos identifica. As restrições sociais e de representações de que somos alvo dão um contorno de identidade ao grupo social.

Para a reconstrução dessa identidade negra que depende de como os sujeitos negros se autoidentificam, Bernd (1988, p. 42) enfatiza que,

[...] a questão da busca da identidade mais ampla para o negro deverá passar por esta dupla memorização: de um lado, cultivar as tradições africanas (memórias coletivas) e, de outro, propor uma releitura da história e a reversão do binômio em que a civilização é associada ao mundo branco e barbárie ao mundo negro.

Ao usar a memória como categoria identitária, percebemos como memória e identidade estão associadas, uma vez que o sujeito afrodescendente usa desse recordar para reconstruir essa identidade negra ligada a cultura afrobrasileira, violada por um processo escravocrata. Observa-se que,

[...] lembrar é muito mais do que trazer o passado para o presente, trata-se de um instrumento para reavaliações, revisões, autoanálise, autoconhecimento e é por este caminho que a memória

alcança a identidade, sendo fator chave em sua (re)construção. (SOUZA, 2014, p. 109).

Logo,

[...] é inegável o papel modelador da memória em relação à identidade, pois o que é objeto de rememoração, a forma como é rememorado e o significado atribuído ao passado, no presente determinam o modo como a identidade será reconstruída, reafirmada. Isto é, a memória promove uma revisão autocrítica que interfere na maneira como o indivíduo se percebe, como se mostra aos demais e como se deixa perceber, ou seja, a memória influencia na forma de identificação do sujeito. (SOUZA, 2014, p. 111).

O sujeito deslocado busca como referência de autoafirmação o grupo autóctone, e é através de fatos vivenciados nessa comunidade que ele se identifica como tal, sempre recorrendo à herança ancestral que o faz pertencer a um lugar social, uma origem, autoafirmando-se. Dessa maneira, imbuído no processo memorístico, busca na sua cultura local e ancestral elementos de autoafirmação no processo para a reconstrução de sua identidade.

4 A MEMÓRIA NA RECONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA EM *PONCIÁ VICÊNCIO*

Quando se está longe da terra conhecida, às vezes, basta aguçar certos sentidos para experimentar o gozo da invenção do retorno. Quando a terra desejada é desconhecida, pode-se perder nos incógnitos caminhos, mas nunca deixa esmorecer o desejo da viagem.

Conceição Evaristo

A literatura negra surge como um expediente pelo qual o negro busca resgatar sua memória e sua ancestralidade, seu lugar político, visibilizando-se, no processo de reconstrução da sua identidade que fora interpelada pela diáspora africana, uma vez que a classe dominante, composta por uma hegemonia branca sempre foi autora da história do negro, e este era tido apenas como personagem, sendo um ser sem oportunidades de nem ser protagonista da sua própria história.

É a partir dessa concepção, que podemos ressaltar a relevância dessa literatura para o sentimento de autopertencimento da identidade afrobrasileira. É nessa perspectiva que Conceição Evaristo publica em 2003 a obra intitulada *Ponciá Vicêncio*, narrativa que expõe os percalços do cotidiano das mulheres negras a partir de sua própria experiência. Ponciá Vicêncio, protagonista que dá nome ao livro, narra de forma não-linear sua trajetória de vida e de existência, nascida numa comunidade composta por ex-escravos, que ainda ocupavam as terras dos antigos senhores, os Vicêncio, cujo nome, além de servir como sobrenome de toda aquela gente, nomeava também a vila em que eles moravam. Desde sempre a personagem se sentia deslocada, tendo como herança do avô o sentimento de não pertencer a lugar algum, sentimento de “ninguendade”. (RIBEIRO, 1995).

A trama se dá através da memória, que se constitui como um elemento fundamental condutor da narrativa, desde o seu *locus* de origem, seus *ethos* familiar primordial, ao deslocamento à cidade grande, em busca de sobrevivência, fugindo ao estigma da sua condição de afrodescendente, pois, a partir de sua evocação é que o romance acontece, uma vez que toda a história é narrada a partir dos pensamentos de Ponciá, das memórias de sua infância, dos momentos em que ela era feliz junto aos seus, apesar de todas as dificuldades e da identidade desde sempre buscada. Nele, através de sua escrita negra, Conceição Evaristo, representa

os povos que viverem e vivem a diáspora africana, pois em sua narrativa diversos são os elementos que se integram para a composição do cenário cultural da diáspora. Está presente a arte do barro, as referências às religiões africanas – em especial a bantu -, o misticismo, os costumes, a figura do arauto, e outros que fazem referência a busca de ancestralidade, ilustrando a experiência diaspórica de vida dos afrodescendentes.

Para fugir da condição subalternizada, após o falecimento do pai, Ponciá decide sair da Vila Vicêncio e migrar para a cidade grande, pois a vida da vila não contemplava mais os seus anseios, e “cansada da luta insana, sem glória, a que todos se entregavam para amanhecer cada dia mais pobres, enquanto alguns conseguiam enriquecer-se a todo dia. Ela acreditava que poderia traçar outros caminhos, inventar uma vida nova.” (EVARISTO, 2003, p.32).

A partir do momento em que Ponciá chega à cidade grande sem nenhuma referência, e após uma viagem sofrida de trem, que segundo Arruda (2009) se caracteriza como uma “diáspora interna” dela e de outros dentro do seu próprio país em busca de uma vida melhor, cresce a necessidade de encontra-se consigo mesma, em meio as adversidades e estigmas enfrentados pela sua condição de negra, passa a buscar sua identidade dentro de si mesma, retomando suas lembranças, através da evocação de sua memória. Ao chegar na cidade a personagem se vê ainda mais fragmentada, pois agora está longe dos seus. Na primeira noite dorme na porta de uma igreja, em seguida consegue um emprego como empregada doméstica, depois consegue comprar um barraco, na ilusória apreensão de trazer sua mãe e seu irmão Luandi para a cidade, passando a viver na favela.

Apaixonada, amasia-se a um homem e engravida por várias vezes. No entanto, passa por sete abortos seguidos, percebendo sua anulação enquanto mãe e aliado à falta que sente, dos seus parentes, contribui para que a trajetória da personagem na cidade se torna cada vez mais sofrida, e isso faz com que Ponciá vá se calando cada vez mais, dando margem à violência do marido, que é colocado pelo narrador como também vítima da sociedade em que vive, personagens vítimas do capitalismo.

Ela trama seu próprio destino, e seu drama é metafórico, pois faz alusões ao drama de muitos que como ela buscam um novo destino na cidade grande, é a

trajetória de muitos que o narrador evoca na narrativa, no universo afro-brasileiro, trazendo à tona um pouco da história da autora, Conceição Evaristo, e também o drama vivido por milhares de mulheres brasileiras, vítimas do racismo.

Todo esse sofrimento faz com que a personagem se sinta cada vez mais deslocada, chegando ao extremo ponto de apatia. Ponciá Vicêncio se sentava durante horas diante da janela, com os olhos voltados para fora, mas os sentidos voltados para dentro de si mesma, introspectiva, relembando os tempos de criança, nos quais ainda sentia alguma alegria, ampliando os momentos de silêncio, recorrendo ao encontro de sua ancestralidade, que aos poucos vai se aparecendo na figura mítica do arco-íris, o protetor das cobras guardiãs, o Angorô.

Lembrava-se do pai, da história do pai dele, o Vó Vicêncio, do irmão dela que trabalhava desde cedo nas terras dos brancos e que nem tempo de brincadeiras tivera. E acabava achando que, pelo menos para os homens que ela conhecera, a vida era difícil quanto para a mulher. Naquele momento se sentia em bons propósitos. Ia criar coragem de mudar tudo. Hoje, agora! Mas, quando dava por si, nem ela mesma sabia explicar. Encontrava-se quieta, sentada no seu cantinho, olhando para a janela o tempo lá fora, enquanto ia e vinha no tempo cá dentro de seu recordar. (EVARISTO, 2013, p.54-55)

Esses momentos das lembranças de Ponciá são narrados em vários trechos do romance, revelando o caráter não-linear da obra evaristiana. É nessa perspectiva de não-linearidade que a autora começa e termina o romance falando do arco-íris, marco da infância da personagem, que ainda criança, temia passar sob o enorme angorô colorido e trocar de sexo.

Nessa perspectiva, a presença notória do barro, da cobra coral, a simbologia mística do arco-íris, os objetos de artesanato provido do barro, todo conhecimento passado pela sua mãe, os ensinamentos de Nêgua Kainda, o sentimento de não pertencimento, a falta de nome, são as marcas de todo o enredo e trama do texto evaristiano e se constituem como elementos característicos para a reconstrução de uma identidade deslocada. E como enfatiza Dionísio (2013, p.58),

O seu mergulho nas histórias contadas por Nêgua Kainda, arauto de sua comunidade afrodescendente, a amarração que essas narrativas memoriais terão com a sua percepção de mundo e dialogismo entre essas reflexões, nos servirão de suporte para

apontar caminhos para a compreensão de sua busca em encontrar o seu destino e a sua ancestralidade.

Nesse processo de busca de ancestralidade, a memória é estabelecida como critério de identidade, no qual a memória individual da personagem é diretamente ligada à memória coletiva dos seus ascendentes, que refere-se aos acontecimentos passados e realidades anteriores que perpassam o individual e o coletivo. Ratificando, Barbosa (2003, p. 9) salienta logo no prefácio do livro de Conceição que “se a memória é a via de acesso de Ponciá ao seu autoconhecimento, é também através dela, do que a voz narrativa constrói, que nós leitores penetramos no âmago de suas emoções e passamos a conhecer a história pessoal de cada um.”.

Durante toda a trama, percebemos o entrelaçamento da personagem com os seus, em especial na figura de Vô Vicêncio, escravo que fica louco após assassinar a esposa, e que tenta contra sua própria vida, mutilando-se e tentando matar os filhos no desespero da ameaça de vê-los fazer cumprir o lugar destinado ao negro, a escravidão, fato que se assemelha aos sucessíveis abortos sofridos por Ponciá, negando o direito de ser mãe. A similaridade entre estes dois personagens marca a herança do avô à neta, estabelecendo assim a relação identitária entre ambos, a referência ancestral de Ponciá Vicêncio, no qual, observamos,

O atrelamento entre as experiências passadas da protagonista e a experiência coletiva representada, principalmente, pela figura de seu avô, Vicêncio, escravo que fica louco, após matar a esposa, se mutilar e tentar matar os próprios filhos diante da ameaça de vê-los escravizados para o resto da vida. A semelhança entre Ponciá e o avô é, segundo alguns personagens, uma marca da herança que este lhe havia deixado. (ARRUDA, 2007, p. 62).

A herança herdada por Ponciá é garantida pelas marcas da lembrança que tinha do avô, especialmente no sentimento de não pertencer a lugar algum e a similaridade física entre ambos. Apesar de Vô Vicêncio morrer quando Ponciá era bem pequenina, os primeiros trejeitos da neta lembrava com exatidão seu avô, que ainda menina e artífice do barro fez um boneco igual ao Vô Vicêncio, o que assombrava a mãe Vicêncio: “ela era tão pequena, tão de colo ainda quando o homem fez a passagem. Como, então, Ponciá Vicêncio havia guardado todo o jeito dele na memória?” (EVARISTO, 2003, p.22). Nessa perspectiva, Arruda (2007) *apud* Ricoeur (2000) explica que a competência memorialística chega aos acontecimentos

mais distantes de uma infância longínqua e tem a capacidade de remontar o tempo, o vivido. Através dessa herança identitária é que se estabelece o diálogo entre o passado e o presente de Ponciá, entre a vivência e a lembrança, entre o real e o subjetivo, pois como seu avô, Ponciá é o acúmulo de vazios e partidas até resultar numa grande ausência de si, como evidencia no excerto abaixo.

Ponciá Vicêncio gostava de ficar sentada peto da janela olhando o nada. Às vezes se distraía tanto que até se esquecia da janta e, quando via, o seu homem estava chegando do trabalho. Ela gastava todo o seu tempo com o pensar, com o recordar. Relembrava da vida passada, pensava no presente, mas não sonhava e nem inventava nada para o futuro. O amanhã de Ponciá era feito de esquecimento. Em outros tempos, havia sonhado tanto! Quando mais nova, sonhava até em outro nome para si. Não gostava daquele que lhe deram. Menina, tinha o hábito de ir à beira do rio e lá, se mirando nas águas, gritava o próprio nome: Ponciá Vicêncio! Sentia-se como se estivesse chamando outra pessoa. Não ouvia o seu nome responder dentro de si. Inventava outros. Pandá, Malenga, Quietí, nenhum lhe parecia também. Era inominada, tremendo de medo, temia a brincadeira, mas insistia. A cabeça rodava no vazio, ela vazia se sentia sem nome. Sentia-se ninguém. (EVARISTO, 2003, p.19).

O distanciamento entre a vida subalternizada em um novo espaço, a cidade, e a sua antiga casa na Vila Vicêncio faz surgir no universo subjetivo suas memórias, conduzindo-a a passar a viver um presente feito de lembranças, buscando pertencimento. A memória invade a mente de Ponciá e a leva para os momentos que sentia, por vez, algum devaneio, evocando os sonhos e vivências que a personagem tinha na infância, a ilusão de um futuro promissor e diferente dos seus antepassados, mas o imprevisível acontece e a rede que ela tecia se desmanchou, “Ponciá havia tecido uma rede de sonhos e agora via um por um dos fios dessa rede destecer e tudo se tornar um grande buraco, um grande vazio.” (EVARISTO, 2003, p.26).

O novo espaço geográfico pelo qual a protagonista agora fazia parte, que a deixou ausente de sonhos, a faz viver um alheamento e um distanciamento perante sua identidade situada Vila Vicêncio. Ao fugir da vida enfadada da vila e chegar na cidade grande, sua identidade se desloca, pois como salienta Hall (2011) a forma que o sujeito se identifica muda a partir de como é interpelado. Deste modo, a nova condição leva a perda da identidade de Ponciá Vicêncio, que na memória busca elos de encontro com os seu passado.

[...] a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de diferença. (HALL, 2011, p. 21).

Neste contexto de fragmentação e de perdas que fora submetida no meio urbano que só restou as margens, o barraco comprado pelo trabalho doméstico no morro e a violência do marido, Ponciá vive o não-pertencimento, assujeitada aos desmandos de uma sociedade racista, deslocada e distante de si. Imbuída de silêncio e embebida de memória, única possibilidade de estar junto aos seus, busca a identidade que fora desde sempre fragmentada. Neste sentido,

A memória, ao mesmo tempo que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa. (CANDAU, 2012, p.16).

Modelada pela memória e vivendo uma vida sem rumo, que a fazia fugir daquela realidade, refugia-se dentro de si mesma, em seu vazio introspectivo e memorialístico. Ponciá, em sua languidez,

(...) perguntava-se se valera a pena ter deixado a sua terra. O que acontecera com os sonhos tão certos de uma vida melhor? Não era somente sonhos, eram certezas! Certezas que haviam sido esvaziadas no momento em que perdera contato com os seus. É agora feito morta-viva, vivia. (EVARISTO, 2003, p.33).

Todo este contexto, a violência sofrida em um lugar que não era seu, representando a violência que a sociedade impõe sobre aqueles que vivem à margem, os abortos sofridos, a fragmentação, o deslocamento geográfico, a violência do marido, passa a reconstruir como uma estranha para si mesma e para os outros, uma pessoa que não se reconhece enquanto tal e busca no seu passado uma ligação que a conecte com a sua identidade, “[...] foge para várias partes de um passado distante em busca de reconstituir sua história entrecortada de experiências e histórias de vida de sofrimento [...]” (ARAÚJO, 2012, p. 125), e se reconstrói pela memória, pois memória é a identidade em ação. Dessa forma,

[...] exatamente essa característica da memória que permite a Ponciá Vicêncio, personagem central do romance homônimo de Conceição Evaristo, não só recuperar uma imagem do ambiente de sua infância, como refugiar-se nela, quando, adulta, a vida lhe parece um fardo por demais pesado e difícil de carregar. Desempregada, abusada física e emocionalmente pelo companheiro, que é incapaz de compreender-lhe a apatia, Ponciá transportasse imaginativamente ao passado. Gasta todo o seu tempo em rememoração, quedando-se imóvel, ora junto à janela, ora deitada na cama, recordando o seu passado. (SILVA, 2011, p. 163).

Neste sentido, a memória se estabelece como um elo de reencontro entre o deslocamento da personagem e a sua busca de identidade, lembrando-se do barro, do rio, de sua infância e dos momentos que por hora foi feliz junto aos seus. Assim,

[...] é preciso revolver o passado para narrar-se, para construir uma identidade, para constituir-se como sujeito diante do outro e posicionar-se dentro do grupo. Esse, portanto, é o ponto que liga a identidade à memória e torna possível a afirmação de Candau de que ‘a memória é a identidade em ação’. (SOUZA, 2014, p. 98).

O apagamento diante da sua nova condição, que não a deixa se constituir como sujeito diante do outro nem posicionar diante do emaranhado social, faz com que a personagem viva um completo alheamento diante do seu próprio “eu” e o clímax de seu apagamento se dá quando ela não se reconhece mais enquanto Ponciá Vicêncio diante do espelho.

Uma noite ela passou todo o tempo diante do espelho chamando por ela mesma. Chamava, chamava e não respondia. Ele teve medo, muito medo. De manhã ela parecia mais acobalhada ainda. Pediu ao homem que não a chamasse de Ponciá Vicêncio. Ele espantando, perguntou-se como a chamaria então. Olhando fundo e desesperadamente nos olhos dele, ela respondeu que poderia chamá-la de nada. (EVARISTO, 2003, p. 17).

Ao deixar para trás na forma física e as relações que se fazia pertencer a algum lugar, - a afinidade com a mãe, o irmão, os conselhos de Nêngua Kainda, o pai -, e passa a sobreviver recorrendo ao seu passado através da memória e do silêncio, a personagem retifica encontros e elos, uma vez que a representação do seu “eu” esta construída na vila Vicêncio e é conduzida pela herança ancestral de

seu avó e de seus pais e, ainda, pela relação estabelecida com o barro. Nesse sentido, “é por meio da representação que, por assim dizer, a identidade e a diferença passam a existir. Representar significa, neste caso, dizer; “essa é a identidade”, “a identidade é isso”. (SILVA, 2000, p.90)

O ato de lembrar funcionava na tentativa de recuperar situações vividas em um passado bem longínquo, buscando presentificar dado momento para viver uma história diferente daquela vivida pelos seus descendentes. Entretanto, a condição permanecia, Ponciá aos poucos percebe que a vida urbana não se difere da vida que vivera no ambiente rural, uma vez que apesar de espaços diferentes a pobreza permanecia, mudava-se o lugar geográfico, mas a condição de mulher negra se fazia e junto com ela, as dificuldades, as angústias, e por não ter condições de lutar contra o sistema racista, ela passa a procurar refúgio dentro de si, ausentando-se:

Nas primeiras vezes que Ponciá Vicêncio sentiu o vazio na cabeça, quando voltou a si, ficou atordoada. O que havia acontecido? Quanto tempo havia ficado naquela estado? Tentou lembrar os fatos e não sabia como tudo se dera. Sabia apenas que de uma hora para outra, era como se um buraco abrisse em si própria, formando uma grande fenda dentro e fora dela um vácuo com o qual se confundia. Mas continuava, entretanto, consciente de tudo ao seu redor. Via a vida e os outros se fazendo, assistia aos movimentos alheios se dando, mas se perdia, não conseguia saber de si. No princípio pelo medo. Agora estava na ausência, na qual ela se abrigava, desconhecendo-se, tomando-se alheia ao seu próprio eu. (EVARISTO, 2013, p.44).

A memória de Ponciá é evocada a partir do momento em que a personagem se silencia, marcando a relação intrínseca entre silêncio e memória na narrativa, o estado apático de Ponciá é forma de deslocamento, uma vez que ele é constituído de significação, é uma forma de expressão, uma vez que traz consigo a manifestação de algo carregado de sentidos, pois como aborda Orlandi (1995, p.50) “[...] o silêncio não é interpretável, mas compreensível. Compreender o silêncio é explicar o modo pelo qual ele significa”.

Para tanto, o silêncio de Ponciá Vicêncio tem significado, ela se auto afirma através dele, ela busca sua identidade por meio do silêncio, pois ele permite que Ponciá Vicêncio fuja de sua realidade agora na cidade, e volte ao seu *ethos* familiar lembrando a cultura que lhe foi tirada, desde sua ida para a cidade, metáfora da qual Evaristo faz uso para remeter à diáspora forçada para o continente americano.

É através do silêncio, e da evocação da memória que este possibilita, podemos notar como este silêncio não é um espaço vazio, mas cheio de significações, para Orlandi (1995, p.68), “o silêncio não é o vazio, ou o sem-sentido; ao contrário ele é o indício de uma instância significativa.” O silêncio da protagonista está imbuído de significados e significações atravessado pela memória, pois ao se calar ela relembra o seu passado, as suas raízes, o seu barro, lembra-se do seu avô e ao lembrar ela vive, ela se representa, nas cercania de suas memórias, ela estabelece relação identitária.

O silêncio em Ponciá funciona em dois sentidos: o primeiro como metáfora de quem estando fora da sociedade está excluída de todas as instâncias que constitui um sujeito social, pois esta se exclui ao tempo em que não faz uso da linguagem verbal. Conforme Orlandi (1995, p. 35), “Quando não falamos, não estamos apenas mudos, estamos em silêncio: há ‘pensamento’, a introspecção, a contemplação etc”; segundo, o silenciamento aponta para o deslocamento de Ponciá em relação a sua cultura, o silêncio é signo do vazio que a distância cria entre a personagem e sua comunidade, esse vazio nada mais é que a identidade deslocada pela migração. A distância que se cria entre a memória e a vida, em Ponciá Vicêncio vira silêncio. Nesse sentido, a relação é de continuidade, o deslocamento e a exclusão da personagem no plano social, se refletem na narrativa por meio do silêncio, que marca duplamente: primeiramente pelo esvaziamento da linguagem na distância que a personagem mantém com sua comunidade e cultura; depois, pela exclusão social da personagem.

Além disso, Conceição Evaristo, de forma metafórica, evidencia a condição de mulher negra através dos caminhos, andanças e desilusões da personagem Ponciá Vicêncio que carrega consigo marcas de exclusão da sua condição histórica enquanto sujeito étnico, deslocada por uma sociedade, na qual os resquícios da escravidão e do coronelismo ainda perdura. Durante toda a trajetória de Ponciá Vicêncio, as perdas caminham junto com ela: primeiro a morte de Vô Vicêncio, depois a imagem do irmão voltando da colheita sozinho - a morte do pai -, os sete abortos, seu descolamento territorial e sobretudo, a separação da mãe e do irmão que representava força e elo. Quando se fragmenta busca a cada momento de martírio a vida que tivera com os seus e se reconstrói de silêncio e sobretudo de memórias, revigorando sua identidade. No fim da trama, após anos de separação,

vazios e devaneios, a memória se presentifica, a personagem reencontra sua família justamente numa estação de trem, lugar metafórico que representa idas e vindas, identidades em trânsito, e ainda a relação de movimento entre passado e presente, como evidencia o excerto abaixo,

O nome de Ponciá Vicêncio ecoou na estação como um apito de trem e ela nem prestou atenção alguma ao chamado. Andava, chorava e ria, dizendo que queria voltar ao rio. Luandi acercou-se carinhoso da irmã dizendo-lhe que sabia o caminho do rio e que haveria de levá-la. Ponciá Vicêncio levantou os olhos para ele, mas não podia dizer se ela o havia reconhecido ou não. Abriu, porém, a trouxa, tirou o homem-barro e perguntou ao irmão se ele lembrava de Vô Vicêncio. Ele, que até então, a custo de todo esforço, tinha o pranto preso, abraçou chorando a irmã [...]. Pegou a mão da irmã e foi com ela ao encontro da mãe. Boa hora, Maria Vicêncio andava muito aflita. O tempo perdia, era hora de encontrar a filha e levá-la novamente ao rio. (EVARISTO, 2003, p.123).

Ao reencontrar com a sua família a personagem reestabelece o elo sempre buscado pela fragmentação identitária que se perpassara. A reconstrução identitária é processual e acontece primeiramente no momento em que a memória se fazia presente, ligando passado e presente, já que ao sair de um *ethos* familiar sua identidade é tensionada por um espaço exterior ao seu. Nesse contexto,

O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o 'eu real', mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais 'exteriores' e as identidades que esses mundos oferecem. A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o 'interior' e o 'exterior' – entre o mundo pessoal e o mundo público. [...] A identidade, então, costura o sujeito à estrutura. (HALL, 2011, p. 11-2).

Moldada à estrutura vigente, uma identidade conflituosa entre seu mundo pessoal e público, Ponciá se reconstrói enquanto sujeito identitário ciente de si, a partir do momento em que na estação de trem reencontra Luandi, o mostra o boneco de barro e posteriormente vai ao encontro de Maria Vicêncio, sua mãe, findando a angústia de não pertencimento e de fragmentação.

Conceição Evaristo usa a forma metonímica para representar o deslocamento da condição negra, contida por uma sociedade eurocêntrica e racista, herança do patriarcalismo que estabeleceu relações de poder entre uma raça em detrimento de

outra, gerando opressão. É nessa perspectiva, que a memória tem papel fundante como expediente voluntário de construção de identidade negra, vitimadas por processos diáspóricos, numa sociedade pós-colonial. A autora afirma que a literatura negra é um lugar de memória e essa literatura é a voz do quilombola dentro da literatura brasileira, que usa de memórias para reconstruir identidades, reafirmando sua cultura. Essa memória, tanto a coletiva como a individual é característica do escritor negro que busca maneiras de se resgatar diante do cenário pós-escravidão. Nessa perspectiva, a herança identitária na personagem evaristiana é característica inerente para a literatura de autoria feminina, bem como a memória é intrínseca para a reconstrução de identidades tensionadas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evidenciar através da pesquisa bibliográfica e documental como a memória molda o sujeito e reconstrói sua identidade ora violada por um processo diaspórico foi o objetivo elencado no decorrer desta análise. A literatura é um lugar de fala, e ela fala, expõe, denuncia e desestabiliza ordem vigente, preestabelecida. No imergir literário a literatura negra surge como um expediente de buscas, encontros e desencontros daqueles que por vezes nunca tiveram um lugar de fala. E esta literatura é contemplada por uma força estética subjetiva e construída através da memória, uma vez que a literatura negra é um espaço mnemônico e se configura como uma estrutura de interiorização e exteriorização de fatos, pois a personagem se silencia, no campo da linguagem, e vai tecendo com os fios da memória, a esperança de recuperar a história de seu passado, no qual mesmo em busca de uma identidade ainda se encontrava junto aos seus.

A personagem durante seu processo de apagamento e alheamento étnico-cultural, busca se reconstruir pela memória sua identidade cultural, tecendo elos com a infância vivida, se reencontrando no barro e nas lembranças de seus ancestrais africanos. Além disso, Ponciá Vicêncio é metonímica, ela é a representação dos seus, que obrigados foram à deixar sua terra e de se autorreconstruir em um espaço alheio, um espaço que não havia elos de pertencimento. Deixa seu espaço, inconformada, e chega na cidade grande com o intuito de ascensão. Se frustra, porque a condição já estava preestabelecida, pois a mudança foi somente geográfica. No final da trama a protagonista é conduzida para a suas origens, para o rio, e a herança se perpetua, se solidifica, é o reencontro, a ligação, a reconstrução da identidade ora fragmentada.

Ponciá Vicêncio é elo e herança de uma memória reencontrada pelos seus. Evaristo, através da literatura e da diáspora vivenciada pela protagonista e pelos seus familiares, evidencia na narrativa a metáfora de um sofrimento interseccional, de raça e de gênero. E ao mesmo tempo a autora ainda expõe os percalços de outros personagens: a vida interrompida de Bilisa, a travessia de Luandi para se tornar soldado, a intuição materna de Maria Vicêncio e as sábias palavras proféticas de Nêngua Kainda, arauto da comunidade, e ainda o legado deixado a família, a herança de Vô Vicêncio. A autora, na sua escrevivência, usa de suas experiências e

do seu lugar de fala, para escrever com autonomia sobre os entraves enfrentados pelas mulheres negras, em um país onde os resquícios da escravidão e as questões de raça e de gênero ainda perduram. Ponciá Vicêncio é a representação da mulher negra na busca de espaços e de visibilidade que faz da memória lugar de construção identitária para afirmar-se enquanto mulher negra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AFOLABI, Niyi. **A mente afro-brasileira**. Trenton – NJ, EUA / Asmara, Eritréia: África World Press, 2007.
- ARRUDA, Aline. Ponciá Vicêncio e Becos da memória: memória e olhar coletivo na prosa afro-brasileira. **Terra Roxa e Outras Terras**, v. 17B, p. 77-84, n. 2009.
- ARRUDA, Aline. **Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo: um bildungsroman feminino e negro**. 106 f. Tese de mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Belo Horizonte, 2007. (Online).
- ALVES, Miriam. **A literatura negra feminina no brasil pensando a existência**. Revista ABPN, Brasília, p. 181 - 189, 04 fev. 2011.
- ALVES, Miriam. **BrasilAfro autorrevelado: Literatura Brasileira contemporânea**. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.
- ALVES, Miriam. Cadernos Negros (número 1): estado de alerta no fogo cruzado. In: FIGUEIREDO, Maria do Carmo Lanna; FONSECA, Maria Nazareth Soares (Orgs.). **Poéticas afro-brasileiras**. 2.ed. Belo Horizonte: Mazza Edições; Editora PUC Minas, 2012.
- ARAÚJO, Rosângela. **A “Escrevivência” de Conceição Evaristo em Ponciá Vicêncio: encontros e desencontros culturais entre as versões do romance em português e em inglês**. p. 198. Tese de doutorado. Universidade Federal da Paraíba, UFPB, Ba, 2012. (Online)
- BARBOSA, Maria José Somerlate. Prefácio. In: EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza, 2003. p.5-8.
- BERND, Zilá. **Introdução à literatura negra**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.
- CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. – 1. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e cidadãos – conflitos multiculturais da globalização**. Trad. Mauricio Santana Dias. Rio de Janeiro. Ed. UERJ, 2006.
- CADERNOS NEGROS. São Paulo: **Quilombhoje**, 1978-2008.

CUTI, Luiz Silva. O leitor e o texto afro-brasileiro. In: FIQUEIREDO, Maria do Carmo Lana; FONSECA, Maria Nazareth Soares (org). **Poéticas afro-brasileiras**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, Mazza Edições, 2002.

CUNHA Jr., Henrique. **Diversidade étnico-cultural e africanidades**. Seminário na Faculdade de Formação de Professores. UERJ. São Gonçalo. Rio de Janeiro, 2002.

DIONÍSIO, Dejair. **Ancestralidade Bantu na literatura Afro-brasileira**: reflexões sobre o romance *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo. Belo Horizonte: Nandyala, 2013.

DUARTE, Constância L. Nísia Floresta Brasileira Augusta: estudo de vida e obra. In: **A mulher na literatura**, vol. II, 1990.

DUARTE, Constância L. Feminismo e literatura no Brasil. **Revista de Estudos Avançados**, São Paulo, v. 49, p. 81-90, 2003.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Minas Gerais: Mazza Edições, 2003.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. In: Maria Nazareth Soares Fonseca; Terezinha Taborda Moreira. (Org.). **Literatura Scripta** - Vol. 13 - no. 25. 1º. ed. Belo Horizonte: Editora Pucminas, 2009, v. 1, p. 17-31.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira. IN: PEREIRA, Edmilson de Almeida. (Org.) **Um tigre na floresta dos signos**: Estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010. p. 136.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho da minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: **Representações performáticas brasileiras**: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

EVARISTO, Conceição. **Conceição Evaristo por Conceição Evaristo**. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/conceicaoovaristo/dados.pdf>>. Acesso em: 01/06/2017.

EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-representação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. **Revista Palmares**: cultura afro-brasileira, ano 1, n. 1, p. 52-57, ago. 2005.

FIGUEIREDO, Fernanda Rodrigues de. A mulher negra em Cadernos Negros. In: Constância Lima Duarte, Eduardo de Assis Duarte e Marcos Antônio Alexandre.

(Org.). **Falas do Outro**: literatura, gênero, etnicidade. 1ed. Belo Horizonte: Nandyala, 2010, v. I, p. 9-343.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: Identidades e mediações culturais. Org. Liv Sovik; Adeline La Guardia Resende et al. (trad.) Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

IZQUIERDO, Iván. **Questões sobre memória**. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

LOBO, Luiza. A literatura de autoria feminina na América Latina – **Seplic: REGISTROS DO SEPLIC**, RIO DE JANEIRO, v. 4, p. 5-40, 1997.

MOTT, M. L. B. **Escritoras negras**: resgatando nossa história. D. O. Leitura, São Paulo, 1990.

ORLANDI, Eni P. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas: Ed. Unicamp, 1995.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTANA, Marluce Freitas de. Ecos do Silêncio em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo. **Anais do V SENALIC**. São Cristóvão, v. 5, nº. 1, mai. 2014.

TEDESCO, João Carlos. **Memória e lembrança**. In: Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração. Passo Fundo: UPF; Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

TELLES, E. E. **Identidade racial, contexto urbano e mobilização política**. AFRO-ÁSIA. Publicação do Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia, n.17, 1996.

SANTANA, Marluce Freitas de. Ecos do Silêncio em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo. **Anais do V SENALIC**. São Cristóvão, v. 5, nº. 1, mai. 2014.

SANTOS, Roberto Corrêa. **Modos de saber, modos de adoecer: o corpo, a arte, o estilo, a vida, o exterior**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

SILVA, D. A. Espaço, memória e agência em Ponciá Vicêncio. **Antares**: Letras e Humanidades, v. 3, p. 161-174, 2011.

SILVA, Ana Rita Santiago da. Literatura de autoria feminina negra: (des)silenciamentos e ressignificações. **Vertentes & Interfaces I: Estudos Literários e Comparados**. Fólio – Revista de Letras. Vitória da Conquista, v. 2, n. 1, jan./jun. 2010.

SOUZA, Jantsch Mariana. A memória como matéria prima para uma identidade: apontamentos teóricos acerca das noções da memória e da identidade. **Revista Graphos**. UFPB/PPGL, vol.16, nº 1, 2014.

WOODWARD, Kath. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomás Tadeu da (Org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

ZOLIN, Lúcia Osana. **A literatura de autoria feminina brasileira no contexto da pós-modernidade**. Ipotesi (UFJF), v. 13, p. 105-116, 2009.